



# **cinema**

semanario cinematográfico

**Ano 1.º**  
**N.º 39**

**Preço**  
**1\$00**

# A Companhia Cinematográfica de Portugal

apresenta na próxima semana no  
Cinema "RIVOLI" do Porto

## A FAVORITA DO IMPERADOR

extraordinário fonofilme interpretado pela linda actriz

**LIL DAGOVER**

e os reputados actores OTTO GEBUEHR e HANS STUEWE

*Um filme de grandiosa evocação histórica, realizado  
por FRIEDRICH ZELNIK e produzido pela "AAFA"*

◆  
**Marquem os seus programas na**

Companhia Cinematográfica de Portugal



*O novo par ideal do cinema. Joan-Crawford-Clark Gable estabelecem desde "Fascinação" um team excelente, harmonioso, um par interpretativo que vai conquistar todo o público. Dois grandes artistas num belo filme do "Ano Metro", falado em francês.*

## O Cantinho dum Cinéfilo

Há um ponto de capital importância, de grande influência no acolhimento dum filme — o título.

Elemento secundário, desnecessário até, no valor intrínseco da película, o título é, no entanto, contribuinte de grande valia e influência no que respeita ao interesse do público. Mistér se torna que as casas alugadoras olhem cuidadosamente este assunto, procurando que os títulos não deixem de constituir elemento de atracção, não esquecendo, sobretudo, que a adaptação deve preocupar-se mais com o interesse que possa merecer ao espectador português que com a correspondência com o título da origem.

«Um Sonho Dourado», como «O Caminho do Paraíso», são títulos felizes. «Quick, o Palhaço», é um pouco atraente. «Os Seis Misteriosos» tinha primitivamente o título infeliz de «A Guarda Secreta». Filmes por estrear, apresentam-se já com títulos que lançam o desinteresse no espírito do espectador, porque nada dizem ou dizem errado. «O Campeão», por exemplo, que a imprensa de todo o mundo classifica como uma obra-prima de King Vidor, como um excelente original de Frances Marion (premiado recentemente pela Academia Americana), com uma verdadeira criação de Wallace Beery (idem, idem), parece, à primeira impressão, uma simples fita desportiva. E o espectador que julga tratar-se duma fita em que o Wallace Beery passe a vida a jogar o boxe, alheia-se da película, e, como é costume nestes casos, quando lhe chegam aos ouvidos os grandes merecimentos da fita, já ela tem saído do programa.

«Puro Sangue», que veremos com Clark Gable e Madge Evans, é outro título que não serve para nós, e o tradutor não deveria preocupar-se com o título «Pur Sang»,

que lhe deram em França. Já o título francês «Mes Petits», do grande filme «Emma», com Marie Dressler, deu magnífica correspondência em português — «Os Meus Meninos». «Emma», tal como foi exibido na América, seria um desastre em Portugal.

Mas não é só da atracção da legenda que deve cuidar o tradutor. E' preciso, bem entendido, que o título esteja de acôrdo com o argumento. Chamar «Estudante e Mendigo» a uma fita onde não aparece sombra de mendicidade, em nenhum sentido, não está bem, e prejudica o valor do filme — se valor tem — junto do aprêço do público. Também a *coroação* de Georges Milton, a quem fazem «rei de tudo», está passando a abuso, tornando-se, por isso, prejudicial. E o título «Rei do beijo», como tradução do «Embrassez-moi», é muito cómico...

Do mesmo modo a anteposição da palavra «Anny» no título de todas as fitas interpretadas por Anny Ondra. Não posso compreender que de tal haja necessidade, a ponto de se dar a um filme o título «Anny Kiki»... Ora não seria melhor chamar-lhe simplesmente «Kiki», e acrescentar, «interpretada por Anny Ondra»? Assim, tem-se a impressão do fabrico em série, sendo de reparar que de todos os filmes de Anny Ondra que tem sido apresentados nos últimos tempos, o melhor, o mais perfeito, foi «Mam'zelle Nitouche», de-certo porque se esqueceram de lhe chamar «Anny, Mam'zelle Nitouche»!...

Senhores alugadores! Senhores tradutores! No interesse dos exibidores, no interesse do público, no nosso próprio interesse, um pouquinho mais de cuidado com as legendas dos filmes!

## A assombrosa descoberta que

Joan Crawford fez uma descoberta assombrosa! E mais assombrosa é ainda a tranqüilidade com que a narra.

«Fui uma idiota — disse-me, — uma verdadeira idiota. Durante as férias que passei na Europa, dei conta disso. Ainda a bordo, a caminho de França, já começava a adquirir a certeza de que tenho sido tola. Passei tantas horas em descanso nas cadeiras do convés, que tive tempo de me estudar conscienciosamente, coisa que nunca fiz em Hollywood».

Joan e eu fomos boas amigas durante muitos anos. Desde que a conheço, ou antes, desde que está em Hollywood, sempre teve bastante confiança em mim para me contar tudo quanto lhe passa pela cabeça, que nem sempre serve apenas para ostentar um penteado ultima moda ou um chapéu-sinho «chic», de estilo parisiense. Não obstante fico surpreendíssima quando uma nova faceta da sua personalidade aparece à luz e uma nova ideia ganha raízes no seu extraordinário cérebro.

Joan é uma das criaturas mais incrédulas que tenho conhecido até à data, mas raras são as pessoas que possuem uma clarividência semelhante à dela.

— Que vais fazer para deixares de ser idiota? — perguntei, esperando de antemão uma resposta concreta e conclusiva.

«Não vou fazer nada, porque está tudo feito, — redargiu —. Durante estas semanas de descanso, adquiri qualquer coisa que tem um valor incalculável: um forte sentido humorístico.

«Olha, durante todo o tempo que passei a bordo, tanto na ida como no regresso, nada mais fiz do que descansar e pensar. Por conseguinte, tive ocasião de contemplar-me a mim mesma de um modo imparcial. Nos últimos meses que precederam a minha viagem, o meu espírito andou envolvido em trevas; mas agora que estou de regresso, essas trevas dissiparam-se. Tive ocasião para me contemplar cara a cara e dizer a mim mesma: «Crawford, minha amiga, começa a acreditar nos papéis que interpretas. Estás a tomá-los tanto a sério que já não sabes quando és Joan ou quando és a rapariga que toma atitudes e expressões perante a câmara!»

«Recordo-me de que tudo me molestava — um grão de sal convertia-se numa montanha e tudo me punha ner-

vosa e de mau humor. Imaginava ser a heroína de um grande drama. Era muito infeliz e não fazia outra coisa senão pensar no meu trabalho e na minha desdita. Preocupava-me a minha própria maneira de encarar a vida.

«Suponho que comprendeste o meu estado de alma. Já te disse bastante!

«Costumava refugiar-me no meu auto e corria a toda a velocidade pelas estradas, não regressando a casa senão ao amanhecer. Isto não me prejudicava. Verifiquei mesmo que servia para me distender os nervos após um dia de muito trabalho, quando a tensão nervosa se apropriava de mim. O mal consistia apenas na má interpretação que eu dava a esta minha necessidade. Ao colocar-me ao volante, imaginava que desejava arredar-me de tudo e de todos porque tinha a alma destroçada — ou por qualquer outro motivo igualmente ridículo. Apercebi-me deste erro repentinamente, num dia em que passeava pela coberta. Sentei-me em uma das cómodas cadeiras e ri, ri até sentir dores no estômago.

Só então compreendia quanto era ridícula uma mulher que, sendo tão afortunada como eu, ganhando tanto dinheiro como eu e tendo um marido a quem ama e que lhe corresponde com igual amor, aniquilasse a sua vida pensando que tinha a alma destroçada. E o meu sentido humorístico, durante tanto tempo adormecido, começou a despertar de novo.

«Recordas-te do terror horrível que se apoderava de mim sempre que tinha de assistir a qualquer acto público? Ou quando me rodeavam pedindo fotografias com dedicatória?»

Recordava-me, de facto. E recordava-me também de uma noite em que Hollywood se vestiu com as suas melhores galas para assistir à estreia de «Grand Hotel», filme de que Joan e Greta são as estrelas femininas.

Quando o casal Crawford-Douglas J.<sup>or</sup> se apeou do automóvel foi imediatamente cercado por uma infinidade de pessoas que se comprimiam contra Joan, que lhe puxavam pelo vestido, mostrando livros de autógrafos para que neles pusesse a sua assinatura. Vi como o rosto dela se tornava pálido e como os seus lábios tremiam ao atravessar por entre a multidão até à porta do teatro. O povo aplaudia-a freneticamente, enquanto ela e Douglas abriam caminho. Joan procurava sorrir, mas quando franqueou o vestibulo todo o seu corpo tremia de puro medo. Viu-me e imediatamente se dirigiu a mim.

«Que hei-de fazer?» — perguntou com voz trémula. «É uma gentileza de toda esta gente tomar interesse por mim e rodear-me de tantas atenções, mas tudo isto me assusta de um modo estranho. Enquanto abria caminho, muitas mãos me tocaram os ombros em sinal de amizade, e os que não podiam chegar até mim aplaudiam-me e dirigiam-

## Joan Crawford fez em si mesma

me amabilidades. Devo limitar-me a saudar e dirigir sorrisos para um e outro lado, expondo-me a que digam que sou orgulhosa e pretenciosa, ou que pensem que tomo para mim todas as honras? A película não é exclusivamente minha, portanto não posso tomar como para mim todos os aplausos. Estou aturdida, não sei o que fazer nem a atitude que devo tomar. As vezes preferiria ser absolutamente desconhecida de toda a gente.»

Não era temor simulado — posto em relevo para produzir efeito. Era real e torturante. A multidão «apropriou-se» de Joan. O seu traço e as suas joias eram as de uma princesa de contos de fadas, mas o seu rosto era o de um ser que sofre forte inquietação. Adivinhasse que Joan era excessivamente frágil para suportar tranqüilamente a sua celebridade.

«Recordas-te de tudo isso? — perguntou ainda. — Pois coisas como essa sucederam-me várias vezes por dia durante a minha permanência na Europa. Tive ocasião de ser rodeada por mais curiosos do que costuma haver em Hollywood ou Nova York. Quando Douglas e eu íamos a uma estação tirar bilhete, quando comíamos nos restaurantes e nos hotéis, quando, emfim, íamos a qualquer lugar público, todos nos olhavam sem o mais leve recato, e não foram poucas as ocasiões em que regressamos ao hotel com os trajos em desalinho, porque a multidão se comprimia contra nós, chegando muitas pessoas a arrebatar-nos o que podiam, desejosas de conservarem uma recordação nossa. A princípio voltava ao hotel tremendo de medo. Mas depois pensei que seria muito peor se ninguém me prestasse atenção. E apercebi-me subitamente de que toda aquela admiração valia muito mais do que tudo o que muitos seres humanos conseguem durante uma vida inteira de trabalho e de estudo.

Devia considerar-me feliz e sentir-me agradecida por tanta atenção, tantos aplausos e tanto interesse. Qualquer rapariga aceitaria com entusiasmo tais demonstrações. Do contrário, seria idiota. E idiota é o que tenho sido.

Não obstante devo confessar que não estou totalmente curada. Ainda me sinto nervosa quando me sucede qualquer coisa neste género. Ainda soffro e receio que deixem de simpatizar comigo. Mas já não sinto aquele medo louco, espantoso, que me deixava transtornada e confusa.

Quando visitamos Londres, assistimos à estreia de «Cavalcade», a obra de Noel Coward. Nunca na minha vida me vi rodeada de tanta gente, e o que me sucedeu é simplesmente inacreditável. Cheguei a casa sem agasalho. A multidão arrebatou-me e fê-lo em tiras, dividindo entre si os bocados, que eram outras tantas recordações da minha pessoa. Todavia, não me assustei.



A gente ainda não conhece bem a Joan Crawford. Ainda não apareceu um filme que verdadeiramente a imponesse. Talvez «Dentro da Lei»... Mas as suas últimas interpretações para a «M-G-M» são consagradas definitivamente. «Fascinação» é um grande trabalho de Joan Crawford. E depois, «Idade Moderna» e «No Declive» (todas três com Clark Gable) saberão tornar Joan Crawford um ídolo do nosso público.

Achei aquilo maravilhoso. Sentei-me honrada, enaltecida. Agradecia que mostrassem tanto interesse por mim.

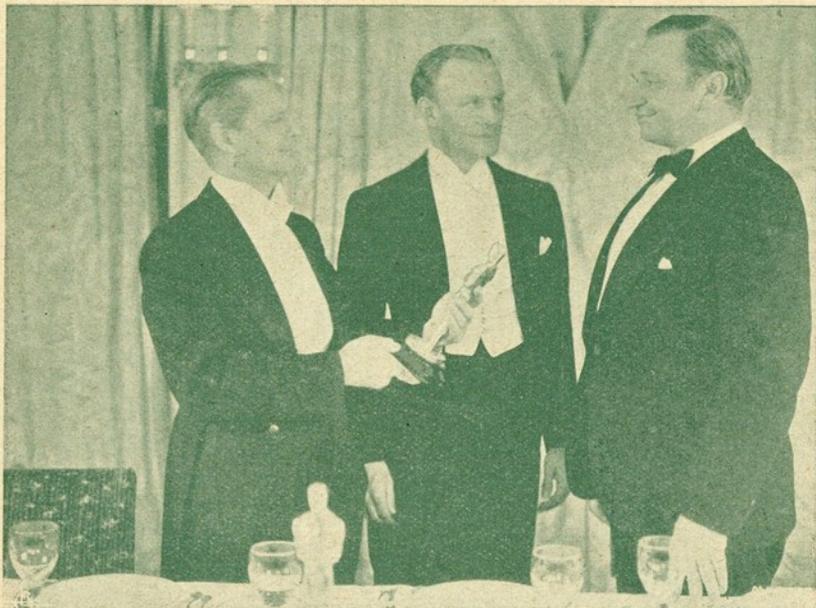
«Não achas que fui idiota quando desejei ser desconhecida de toda a gente? Agora, julgo que morreria de desgosto se me faltasse o entusiasmo do público.

Há anos a esta parte, ou seja, desde que a «Metro» me distribuiu papéis dramáticos, comecei a esquecer-me de que sou uma rapariga afortunada, a quem nada falta para ser feliz, e passei a encarar as coisas tanto a sério que

(Continua na página 8).



Quem tem mais direitos sobre o médico? A esposa que o espera no lar, ou as doentes que o solicitam? Eis um problema que é resolvido pelo esplêndido filme «Espôsa de Médicos», que a «Fox» nos vai dar em breve, com a encantadora Joan Bennett e o apreciado galã Warner Baxter, que vimos em «O Papá das Pernas Altas». «Espôsa de Médicos» é, além disso, um filme de Frank Borzage.



Wallace Beery, considerado um dos maiores actores americanos, recebendo, após o Banquete da Academia Americana das Artes e Ciências Cinematográficas, a estatueta de ouro como prêmio da melhor interpretação masculina, pelo seu desempenho em "O Campeão". Lionel Barrymore (o vencedor do ano findo) faz a entrega, enquanto que Conrad Nagel, presidente da Academia, felicita Wallace Beery. "O Campeão", que tem sido exibida com grande sucesso simultaneamente nos cinemas "Ginásio" e "Royal", de Lisboa, será estreada brevemente no Porto.

(Foto «M-G-M»)

## Dentro e Fora dos Estudios

James Gleason, que vimos no papel de secretário de Lionel Barrymore em «Uma Alma Livre», e que veremos brevemente em «Mata-Hari», no chefe da policia Dubois, firmou novo contrato com a «M-G-M».

King Vidor, o famoso realizador americano, de quem veremos brevemente «O Campeão», com Wallace Beery e Jackie Cooper, está preparando um filme histórico. Para isso, esteve recentemente em Durham, na Carolina, consultando a biblioteca da Universidade.

Jean Arthur regressou de Nova York a Hollywood. Vai interpretar para a «RKO» a fita «The Past of Mary Holmes» («O Passado de Mary Holmes»).

Deve chegar por estes dias à Europa a actriz Clara Bow, acompanhada de seu marido Rex Bell. Tencionam visitar Londres e Paris.

Jean Hersholt, o grande actor da «M-G-M», que veremos em «O Pecado de Madelon Claudet», «Os Meus Meninos», etc., tem um diário onde escreve desde que começou a trabalhar no cinema. Por ele se verifica que Jean Hersholt já interpretou 322 fitas.

Karen Morley, que veremos em várias fitas esta temporada, renovou o seu contrato com a «M-G-M».

O realizador europeu Jacques Feider, que há anos está contratado pela «M-G-M», de quem veremos brevemente «Alvorada», com Ramon Navarro e Dorothy Jordan, vai regressar à Europa em meados de Janeiro próximo.

O filme «Pat e Patachon Músicos Ambulantes», que entre nós já foi exibido, só no dia 12 de Dezembro se estreou em Berlim, exibindo-se no «Primus-Palast».

O actor francês Jacque-Catelain casou há dias com Suzanne Vidal, que foi durante alguns anos secretária de Marcel L'Herbier.

John Barrymore será o intérprete de «Topaze», que Harry d'Arrast vai realizar para a «RKO».

Contrariamente às suas tenções e ao que tinha anunciado, Douglas Fairbanks não passará o Natal em Paris. Vindo do Oriente, chegou em fins de Novembro a Venesias, donde seguiu para Paris e daí, em avião, para Londres. Quando este número fôr posto à venda, já Douglas Fairbanks deve ir a caminho de Nova-York.

No dia 8 do corrente estreou-se no «Strand», de Nova-York, a fita «O Rei dos Fósforos», que a «Warner Brothers» acaba de produzir com Warren William e Lily Damita.

A nova casa «Monogram» está preparando duas novas fitas para serem interpretadas por Rex Bell, «Diamont Trail» e «Crashin' Broadway», logo que regresse da Europa, onde vem muito breve acompanhado de sua esposa Clara Bow.

A casa «Fox» deu um chá em honra de Clara Bow, no cinema «Roxy», de Nova-York, em 29 de Novembro.

A actriz francesa Gaby Morlay, que vimos em «O Julgamento de Gaby», vai interpretar para a «Pathé-Natan» a fita «Il était une fois», tirada da peça de Francis de Croisset.

### Novo título de «Rasputin»

A nova fita da «M-G-M», interpretada por John, Lionel e Ethel Barrymore, primitivamente chamada «Rasputin», passou a chamar-se definitivamente «Rasputin e a Imperatriz».

### «O Palhaço» em versão falada

A «M-G-M» acaba de adquirir os direitos de fonofilmagem da peça «He Who Get Slapped», que há anos a mesma casa produziu como filme silencioso, com Lon Chaney, Norma Shearer e John Gilbert, exibida entre nós com o título «O Palhaço».

### Anna Sten em «Nana»

A actriz Anna Sten, que vimos recentemente em «Os Irmãos Karamazoff», e que de há tempos se encontra na América, contratada por Samuel Goldwyn, vai interpretar a protagonista de «Nana», de Emile Zola, que Samuel Goldwyn vai começar em princípios de Fevereiro.

### Nesta semana fazem anos:

17 de Novembro a 23 de Dezembro

- Dezemb. 17 — David Buttler (realiz.).  
18 — Mary Nolan (27).  
18 — Anders Randolph (56).  
20 — Diane Ellis (23).  
21 — Eleanor Fair (28).  
23 — Anna Pennington (36).

## Correspondência

Ligeiramente incomodado, tem estado retido no leito o nosso presado redactor «Eu Sei Tudo», motivo porque não podemos publicar hoje a secção de «Correspondência», já avolumada com a falta de inserção no ultimo número, imposta pela abundância de original.

Esperamos poder registar no próximo número as melhoras do nosso querido camarada... a quem as proximidades das rabinadas devem fazer esquecer o frio que faz cá fóra...

# Pelos nossos Cinemas

**ESPADA ERRANTE (DEVIL MAY CARE):** — Ramon Novarro, o Apolo do cinema, é também um cantor. E um cantor apreciável, se bem que a sua voz seja um pouco menos grave, e portanto um pouco menos máscula, do que as numerosas Ramonófilas poderiam supor e esperar. Mas, a pesar-disso, não creio que o ídolo tenha descido do altar depois de «Espada Errante». Trata-se duma fita histórica cuja acção cõe da do «Congresso que Dança», é bem romântica pelo assunto, pelos rasgos da audácia e coragem, pelas sublimes abnegações e sacrifícios, pela força triunfante do sentimento.

É, pois, um filme para agradar a todos, mesmo sem Ramon Novarro.

Este, de resto bem secundado por Dorothy Jordan e Louise Marion, absorve as honras da interpretação.

As numerosas canções, ora sentimentais, ora irónicas são outro elemento de agrado de «Espada Errante».

Autor: Eugene Scribe e Ernest Legouve — «La Bataille des Dames». Cenarista: Richard Schayer. Realizador: Sidney Franklin. Intérpretes: Armand, Ramon Novarro; Leonie, Dorothy Jordan; Louise, Marion Harris; De Grignon, John Miljan; Napoleão, William Humphrey; Criado, George Davis; Gaston, Clifford Bruce.

Produzida em 19 9 pela METRO-GOLDWYN-MAYER. Programa «Metro-Goldwyn-Mayer Films, Ltda. Estreada no «Olimpia» em 14 Dezembro 1932.

M A R I A I L D A

## A Favorita do Imperador

Produção da «AAFA»

Programa Companhia Cinematográfica de Portugal

ARGUMENTO

Corre de boca em boca, por toda a Europa o nome de uma nova estréla de baile: Barberina. Frederico II também repara nela e pretende-a para o corpo de baile da Opera Real. Mas, como Barberina não aceite logo a sua proposta manda-a para Berlim, debaixo de uma escolta.

Ao carácter impetuoso da bailarina não agradam sujeições e, a meio da viagem, salta do coche, enquanto sua mãe segue sôzinha para Berlim. Barberina não tarda em saber que há alguém na corte a quem a sua presença trans-torna os planos. A bailarina Brigelli de testa Barberina mesmo sem a conhecer. E esta resolve ir para Berlim e pedir audiência ao rei. O rei começa a interessar-se por Barberina e convida-a para uma ceia. E ela atraída pelo seu aspecto simpático e bondoso, aceita.

Frederico II tinha mandado vir Barberina para a Prússia, a fim-de que os seus inimigos, julgando-o envolvido numa aventura amorosa, descobrissem mais de pressa o seu jôgo. O conde de Cagliostro, o famoso aventureiro, antigo amante de Barberina, encontra-se na Prússia e procura-a a fim-de que ela possa obter os planos de guerra. Mas Barberina, indignada, avisa o rei da traição que os seus inimigos lhe preparam. Frederico II estava ao facto de tudo quanto se passava, pelo seu secretário particular, Moller.

O dever obriga o rei a partir à frente das suas tropas ao encontro do inimigo. Sôzinho com o seu velho amigo Dessauer, dirige-se a Lissa e consegue prender o general chefe do partido inimigo. Em Berlim preparam-se grandes festejos em honra do rei.

Mas este quando chega, dá contra

ordem. O dinheiro será empregado antes nas despesas da guerra e em beneficio do seu povo. Do programa de festejos apenas conserva um concerto de Bach, organizado pelo próprio mestre.

Barberina, durante a ausência do rei, apaixonou-se do Barão de Cocceji. Durante o concerto de Bach, as suas maneiras provocam a censura do rei. Barberina e Cocceji resolvem fugir nessa mesma noite para o estrangeiro. Frederico II, sabedor das suas intenções resolve procurá-la a fim-de lhe expor o seu procedimento, pois o contrato

**FSTUPEFACIENTES (STUPEFIANTES):** — Não posso felicitar a «Ufa» pela produção desta fita, por esta fita lançada e apresentada com tôdas as características da super-produção. Porque na verdade, de super-produção se não trata, se temos de a considerar sôb o ponto de vista de qualidades essencialmente cinegráficas.

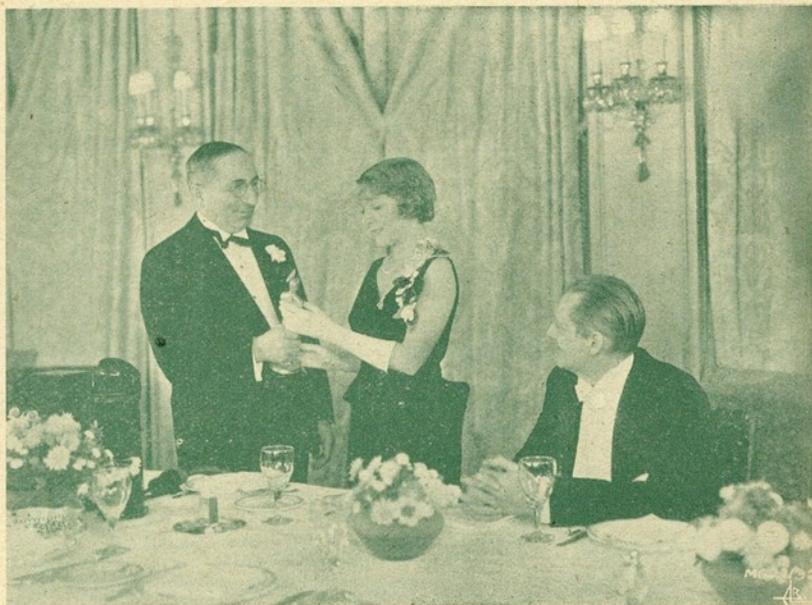
As provas que Kurt Geron acaba de nos dar, as primeiras que lhe conheço como realizador cinegráfico, não lhe dão ainda fôros de grande director. Arrastou-se na condução de certas sequências, detendo-se em muitos diálogos absolutamente desnecessários e prejudiciais da boa continuidade filmica; em outras precipitou-se, confundindo-as, tirando à fita o desejável interesse e privando-a do relêvo com que a «Ufa», até há bem pouco, tem

(Continua na página 14).

que a liga à Ópera Real não lhe permite ausentar-se da Prússia. E, quando os dois culpados esperam um castigo exemplar, o rei, enternecido pela paixão que os une, dá o seu consentimento para que se casem.

O povo vem aclamar o rei vitorioso. Milhares de archotes iluminam a praça do palácio.

Quando Frederico II chega a uma das janelas do palácio real, o entusiasmo atinge o auge. Mas, no meio da alegria delirante do seu povo, Frederico II sente-se mais só do que nunca...



A Academia votou em Helen Hayes como a melhor interprete feminina de 1932. O seu maravilhoso trabalho em «O Pecado de Madelon Claudet» deu a Helen Hayes a estatueta de ouro, o prémio da Academia que todos os artistas ambicionam. Na gravura, Helen Hayes mostra a Louis B. Mayer, vice-presidente da Academia, o prémio que recebeu das mãos de Norma Shearer. Sentado, Lionel Barrymore sorri. «O Pecado de Madelon Claudet» está sendo esperada com grande interesse em Portugal, devendo ser estreada brevemente nos cinemas «Odéon» e «Palácio», de Lisboa.

# Clark Gable

Quando nos inclinamos sobre o passado das vedetas, sentimos a sensação de que colamos os lábios a uma fonte inesgotável de optimismo.

Para todos e todas, antes do triunfo houve anos de miséria, de mediocridade, dias negros em que se perde a última esperança, semanas trágicas que nenhuma claridade atravessa.

Uma manhã, uma noite, a sorte aparece.

Por vezes traz uma máscara a cobrir-lhe o rosto.

Assim sucedeu quando surgiu no caminho desolador que seguia Clark Gable...

Há bem pouco tempo ainda, o novo ídolo americano levava a vida obscura e incerta dos actores de segunda ou de terceira categoria. Mas quando alguém possui em si a paixão pelo teatro, o cheiro poeirento dos camarins parece-lhe o mais suave odor do mundo, os adornos e as joias falsas valém os mais sumptuosos trajes, as mais ricas pedrarias, e a sorte acaba um dia por mudar.

Com Clark Gable o sortilégio operou-se aos 17 anos. Foi então que abandonou a vida normal, os seus estudos. Durante doze anos, experi-

mentando vinte metiers, errando de Norte a Sul, os caminhos mais diversos conduziram-no à porta escondida, mal iluminada, coberta de cartazes e de caricaturas, onde se adivinha uma inscrição mágica: «Entrada dos Artistas.»

A última estrada, a boa, conduzia ao estúdio.

Clark Gable, seguindo a trajetória normal do seu destino, deveria ser hoje dentista em alguma das pequenas cidades americanas e chamar-se simplesmente William, como seu pai.

Teria sido a vida tranquila, o casamento burguês, a clientela adquirida lentamente, um «bungalow» modesto, com um pequeno jardim, um Ford de série para se servir dele durante a semana no exercício da sua profissão e que utilizaria ao domingo para ir dar um passeio ao campo, com a família. E depois os filhos, quando os seus cabelos começassem a embranquecer...

Mas passou uma «troupe».

Clark, criado durante os primeiros cinco anos da sua vida pelos avós, em uma fazenda de Pennsylvania, depois por seu pai, que se casara pela segunda vez com uma linda mulher, era então estudante. Como o pai não era suficien-

temente abastado para custear os seus estudos, decidiu pagar ele próprio as despesas que fizesse.

Para isso começou a cursar escolas nocturnas, dedicando-se de dia ao trabalho. Passou um ano numa fábrica de pneumáticos, de Ohio. Era um rapagão de mãos enormes, com conpleição de atleta, terrivelmente acanhado.

Todas as semanas consagrava uma das suas noites ao teatro: a famosa «troupe», responsável do alarme dado



...com Madge Evans em "Puro Sangue"

# o eleito das mulheres

ao seu destino, fascinava-o. Para se aproximar mais dos seus ídolos, chegou a suprimir as refeições diárias, passando a ceiar ao lado destes actores nomadas, no fim do espectáculo. Consegiu assim amigos que tomaram o hábito de o levar com eles ao teatro, de o ver constantemente nos camarins e mesmo na cena, interpretando papéis sem importância.

A primeira vocação de Clark estava morta e bem morta.

Entretanto, deve-

res filiais chamaram-no junto de seu pai. Este, tendo enviuvado outra vez, estabelecera-se em Oklahoma, onde trabalhava numa empresa petrolífera.

Em vão o futuro actor procurou interessar-se por este trabalho. As recordações da sua rápida passagem pelo teatro obcecavam-no, tornando-lhe odiosa a existência presente. E por isso aproveitou a primeira oportunidade para voltar ao palco. Uma «troupe» ambulante, cujo director o contratou mediante 10 dólares por semana, reintegrou-o na grande família dos artistas.

Vida aventureira, vida errante!

Hoje, Clark Gable não venderia por um milhão de dólares a experiência assim adquirida.

Fazia tudo, conhecia as altas e as baixas, os sucessos populares e os fracassos, os dramas, as comédias, as maquiagens mais extravagantes... a felicidade.

Passados assim dois anos, seguiram-se novas altas — poucas — novas baixas — inumeráveis.

De actor, Clark passou a lenhador, por necessidade.

Mas a chama não se extinguiu, e

quando reuniu bastante dinheiro para voltar a um centro, tornou a subir a encosta, passou pelo jornalismo, foi empregado durante um ano numa companhia de telefones... e voltou finalmente a abrir uma porta onde se divisa a custo uma inscrição mágica...

Foi em Portland: um pequeno teatro de *juvencos*, dirigido por Joséphine Dillon, uma mulher activa e inteligente, que apresentava espectáculos cuidadosamente montados. Clark tomou conhecimento com Miss Dillon, que o contratou. E estreitadas as relações, foram noivos.

Outono de 1924.

Gable decidiu tentar a sorte em Los Angeles. Partiu. Ninguém o esperava e não encontrou trabalho condigno, tendo de sugar-se a aparecer como figurante num filme que Lubitsch filmava para a «Paramount». Esta estreia pareceu constituir o início de melhores dias, porque em seguida encontrou trabalho, tanto na cena como no «écran». Mantinha-se ainda em um segundo plano, mas contentava-se com isso e o que ganhava bastava-lhe para viver modestamente com Joséphine Dillon, tornada sua mulher. Havia sido esco-

## A assombrosa descoberta que Joan Crawford fez em si mesma

(Continuação da página 5)

recei enlouquecer. Mas de hoje em diante não voltarei a esse estado de espírito. Os acontecimentos da minha vida, o meu trabalho, tudo há-de ter para mim o seu real valor. Havia-me esquecido absolutamente de Joan Crawford, a mulher, para só pensar e sentir como Joan Crawford, a actriz acostumada a interpretar papéis de raparigas desditosas que se veem na necessidade de lutar para não caírem ou para não ultrapassarem certos limites. Agora posso rir-me de tudo isso. Mas enquanto não fiz o salutar exame de consciência que me salvou, cheguei a sofrer torturas morais inenarráveis.

Recordo-me bem de quanto sofria Joan quando interpretava «Rain». Torturava-se constantemente e experimentava as mais terríveis dúvidas e temores. Esta simples pergunta: «Que tal vai o filme, Joan — punha-a em um estado de excitação nervosa inconcebível. Chorava e desesperava-se.

«Podes crer que não vivo, — disse-me um dia em que fui vê-la filmar —. Não durmo, não como, não posso pensar com serenidade. Tenho um medo horrível, atroz, porque nunca cheguei a ver a falecida Jeanne Eagles no palco, nem Gloria Swanson na versão silenciosa, de modo que não sei se estou interpretando bem ou mal. Não ignoro que jogo o meu futuro. Esta é a melhor oportunidade que me tem facultado os produtores e muitas artistas reputadas invejam neste momento a minha sorte. Compreendes, portanto, os meus receios. «Como hei-de estar tranquila sem saber se estou tirando o máximo proveito da situação ou se cometo um desatino?»

E ninguém a arrancava a este modo de pensar.

Quando a película se estreou em Hollywood, Joan estava na Europa. Nada de bom se disse do filme, se bem que o trabalho dela não merecesse comentários desagradáveis à crítica. A direcção deixava muito a desejar e a censura havia feito cortes tam importantes que a seqüência das cenas ficara prejudicada.

«Que julgam que me disse Joan quando soube as impressões provocadas por «Rain»?

Simplesmente isto:

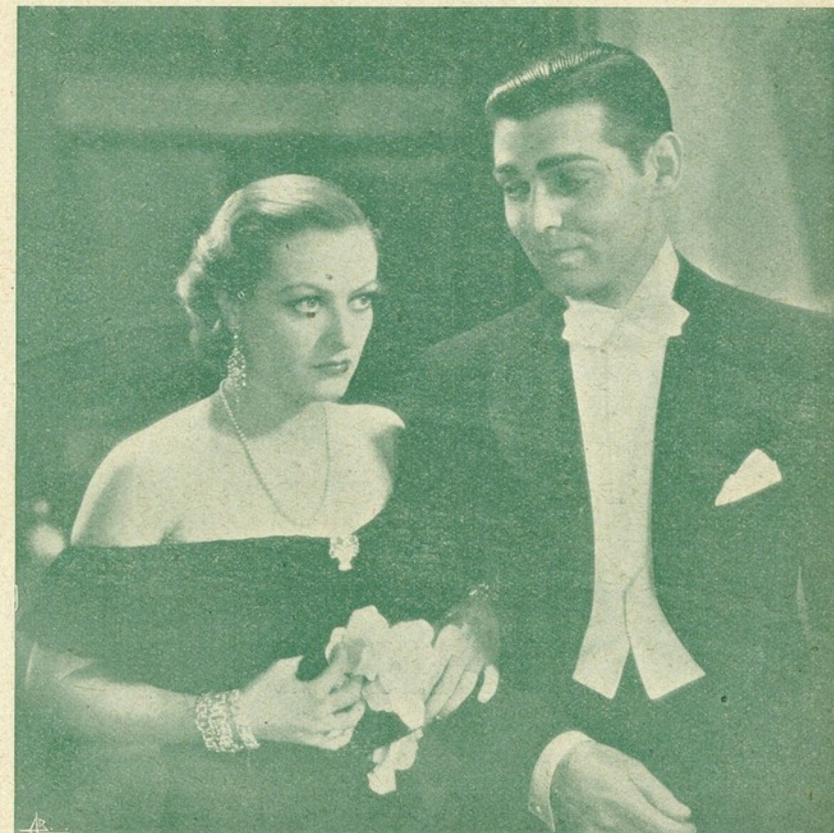
«Não há nada tam agradável como ser o maximo. Compreendes o que quero dizer — o melhor ou o peor. Ora, eu suponho que sou o peor que tem o filme».

E o interessante é que, de facto, não se mostrava muito penalizada.

Joan Crawford é uma das mulheres mais superiores com que conta a nova geração. Sabe ver-se a si mesma com olhar claro, e nunca a vi deixar-se levar quando encontra uma plataforma agradável para sair de um apuro, porque qualquer coisa dentro dela a força a deter-se a tempo.

Sob este ponto de vista, foi sempre assim. E' certo que teve épocas de incertezas, de lutas torturantes; mas sempre soube sair delas mais forte e mais segura de si mesma. A melhor prova disto foi ter conseguido perceber, sem auxilio de ninguém, que estava tomando a vida, a arte e o amor demasiado a sério. Ninguém lhe fez um sinal para que parasse no caminho perigoso que trilhava. Não obstante, sentiu que devia parar, e parou.

KATHERINE ALBERT.



...com Joan Crawford em "Fascinação"



...com Jean Harlow em "Red Dust".

lhido quasi sempre para papeis de «vilão». E foi como «vilão», como *gangster*, que conquistou o «écran», no filme «O Declive», com Joan Crawford como parceira.

Foi a oportunidade. Depois veio a ascensão, o triunfo, de um dia para o outro.

Seguiram-se mais filmes, que são outros tantos papeis à altura das suas possibilidades: «Fascinação», «Cortesã», «Uma Alma Livre», «Puro Sangue».

Agora, todas as mulheres o adoram, e os homens estimam-no, apreciam-no.

Para um rapagão como este, conquistar as mulheres não era coisa difícil, visto que todas gostam de quasi tudo o que elle possui em mais alta escala: a elegância, a brutalidade, esse ar irónico e fanfarrão... Olhai bem para elle. Uma fronte baixa, orelhas grandes, mãos enormes. O lutador, o «homem masculino». Mas também o proprietário da mais bela dentadura do mundo e de um sorriso acariciador que justifica todas as indulgências.

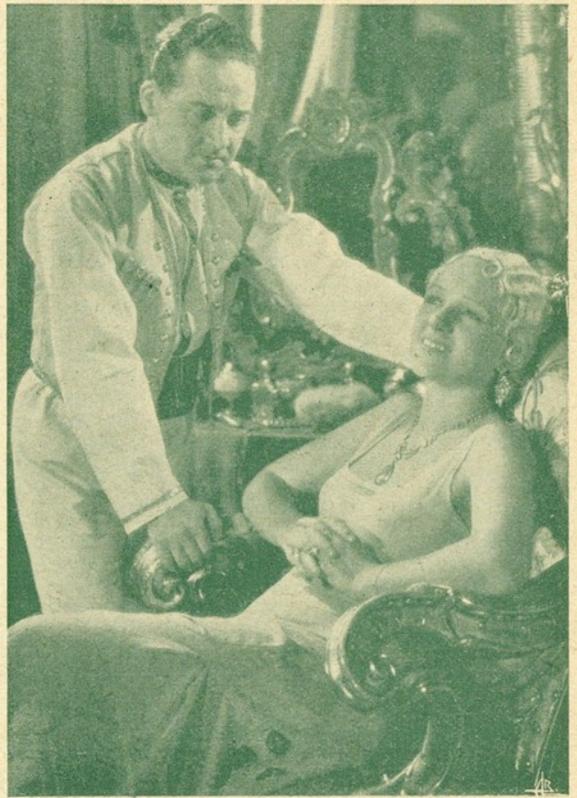
Seduzir os homens era mais difícil. Não obstante, não conheço nenhum que tenha resistido ao seu ascendente. Não é belo. Nisso consiste a sua força. E depois é são, adivinha-se nele um senso critico agudo, muito desprezo pelas adulações de que é alvo há dois anos a esta parte.

Não é um galã... Várias fotogra-

fias que tenho visto dele mostram-no em sua casa, com o cachimbo entre os dentes, limpando a espingarda — porque a caça, e também a pesca, são os seus passatempos favoritos. Ou então montado no seu cavallo. Mas sempre «homem». A sua simplicidade rude parece-nos extraordinária e infinitamente simpática. Tanto mais que o seu reinado põe termo ao do «menino bonito»...

O. D. CAMBIER.

*E' uma actriz popularrissima na Alemanha, mas que a gente aqui desconhece, Gitta Alpar, uma das "estrelas" germânicas mais cotadas, que a Companhia Cinematográfica de Portugal vai apresentar brevemente em "Esta, ou nenhuma", uma linda opereta com Max Hansen. A julgar por esta fotografia, quere-nos parecer que a Gitta Alpar também vai ficar cotadissima em Portugal!...*



A nova Fita de Clara Bow estabelece «récorde» de bilheteira

A nova fita de Clara Bow, «Call Her Savage» («Chamem-lhe Selvagem») que a «Fox» produziu, e que em 24 de Novembro se estreou no «Roxy» de Nova-York, estabeleceu naquele cinema o «récorde» de entradas no dia da estreia duma fita, desde a fundação daquele cinema.

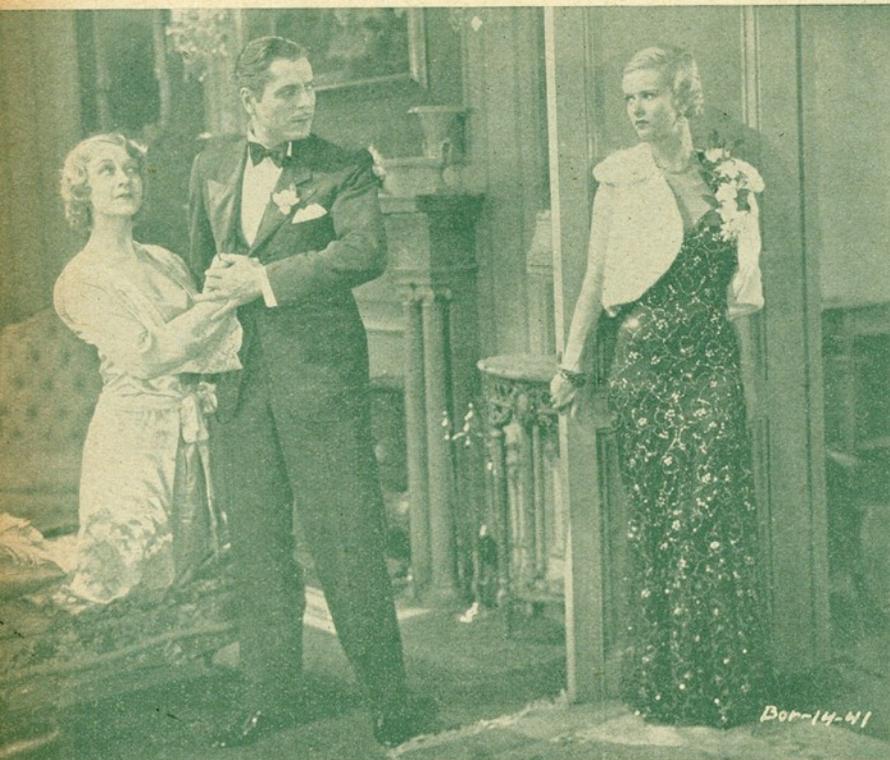
Naquele dia, 18.171 entradas se registaram nas bilheteiras do «Roxy». No mesmo dia, os cinemas «Poll», de New Haven, e «Palace», de Worcester, bateram também os «récorde» dos dias de estreia, com aquella fita.

«Call Her Savage» está constituindo um enorme successo em toda a América, e toda a critica com o todo o público se mostra satisfeito com o regresso de Clara Bow ao cinema.



Henry Garat com Janet Gaynor

Telegrama de Hollywood informa-nos que Henry Garat, contratado pela «Fox», terá como principal actriz da sua primeira fita na América a encantadora Janet Gaynor. Essa fita será uma comédia musical intitulada «Princess At Your Order», com argumento escrito por George Marion Jr. e Jane Storm.



*As esposas dos médicos tem razão para ser ciumentas? Nós não sabemos. Mas o esplêndido filme que vamos vêr em breve, "Espôsas de Médicos", dá-nos a resposta. E' uma fita realisada por Frank Borzage (o famoso director de "A Hora Suprema", duas vezes vencedor do prémio da Academia Americana), e interpretada por Warner Baxter (o médico) e a linda Joan Bennett (a esposa).*

UM FILME QUE VAI IMPOR DEFINITIVAMENTE

**JOAN CRAWFORD**

UM FILME QUE VAI MOSTRAR O NOVO IDOLO

**CLARK GABLE**

é a excelente produção do "Ano Metro", falada em francês

**"FASCINAÇÃO"**

Realizado por CLARENCE BROWN

NOMES QUE DÃO

CATEGORIA

A UM FILME.

NOMES QUE O

ACREDITAM:

Joan Crawford

Clark Gable

Clarence Brown

e

o nome dos grandes

exitos

**METRO**

**Goldwyn**

**MAYER**



# “ Fascinação ”

Produção «M-G-M»

PRINCIPAIS INTERPRETES

Marion . . . . . Joan Crawford  
 Marc Whitney . . . . . Clark Gable  
 Al Manning . . . . . Wallace Ford

Nessa noite, a residência de Marc Whitney estava brilhantemente iluminada. O jovem advogado de New York festejava o seu sucesso nas últimas eleições — acabava de ser nomeado governador do Estado de Virginia — e o seu recente casamento, pois desposara a sua amiga Marion, na manhã desse mesmo dia.

O seu vasto salão estava cheio de convidados vindos dos mais diversos meios: velhos amigos, como Wally Travers, políticos influentes, agentes eleitorais que desejaram assistir ao triunfo do seu chefe e reclamavam já lugares no novo governo; parasitas de todas as espécies, etc... A cada um deles, Marc, sempre muito calmo e senhor de si, reservava o mesmo acolhimento afável e sorridente.

Em um canto do salão, encontrava-se uma velha bastante mal vestida, recém-chegada: era a mãe de Marion. Intimidada pela presença de tanta gente, mantinha-se isolada, não ousando falar a ninguém.

Marion, bela mulher de rosto voluntarioso, iluminado por uma alegria profunda, interior, sorria ao lado de seu marido. Vendo a mãe, teve um grito de assombro, e, pedindo desculpa

a um velho político, deixou-o e foi ter com ela.

— Minha filha, como estás mudada! — exclamou a mãe.

Esta frase banal, que toda a mãe diz a uma filha quando a vê após alguns anos de separação, tinha, pela inflexão com que fora pronunciada, um sentido particular. A voz comovida e fervorosa da velha parecia formular esta pergunta: «Como é que, filha de uma modesta operária como eu, conseguiste ser a mulher de um rico advogado?»

Marion compreendeu a surpresa de sua mãe. Conduziu-a a um aposento isolado, longe do ruído do salão, e começou a contar-lhe a história da sua vida durante os três últimos anos.

— Lembra-te, — perguntou —, de que vos abandonei, a ti e a Al Manning, que já se julgava meu noivo, para ir a New York, seguindo as minhas aspirações?

«Esperava encontrar lá a fortuna! Confiava na palavra de um velho rico que no próprio dia em que vos deixei conhecera. Não te recordas?... Eu assistia ao desfile de um comboio numa passagem de nível quando, súbitamente, êle parou. Um viajante dirigiu-me cumprimentos irônicos, ridicularizando os meus trajes, ofereceu-me uma tassa de champanhe e convidou-me a partir para New York. Lá, poderia emfim viver a minha vida. De resto, êle propunha-se auxiliar-me.

«O champanhe perturbava-me um pouco. Acreditei nas suas palavras. Eu mesma me esforçava por acreditar! Estava farta da existência mediocre e aborrecida que sempre levava. Partii.

«Em New York, encontrei de facto o senhor Wally, mas achei-o mudado. Mostrou-se-me então tal qual era na realidade: um velho egoísta que não gostava de que o incomodassem, e incapaz de mudar de hábitos. Mandou-me pôr fora da porta.

Que fazer?  
 «Não tinha nada de meu. Todo o dinheiro que possuía

havia servido para pagar a viagem de Springfield a New York.

«Quando, meia louca, me dirigia para o ascensor, vi dois homens correctamente vestidos entrarem em casa do senhor Wally. Decidida a tudo para sair da terrível situação em que me encontrava, franqueei o limiar do «appartement» que vinha de abandonar. Para isso, fingi ter-me esquecido de qualquer coisa.

«Ninguém me acreditou. Mas a minha audácia e a minha tranquila obstinação agradaram a Marc — Sim, Marc, porque me esqueci de te dizer que um dos visitantes era Marc. Levantei-me com êle. Fui sua amante. Não franzas as sobrelanceiras! Fui a mais feliz das mulheres. E continuei a sê-lo! Marc amava-me muito, mas não queria desposar-me. Já fora casado e a mulher tornara-o imensamente desgraçado.

Um pouco supersticioso, receava que o fizesse sofrer, também. Os homens, como sabes, não passam de crianças grandes!

Três anos passaram assim...

Uma tarde, entrando mais cedo que de costume, surpreendi uma animada conversação entre Marc e alguns políticos: propunham a Marc que se apresentasse como candidato democrático ao lugar de governador de Virginia; mas exigiam que me abandonasse, para não comprometer a sua candidatura com um possível escândalo. Marc recusou nobremente. Entretanto, o seu gesto implicava o aniquilamento da sua carreira! Tomei então uma dolorosa resolução. Fingi que se aceitara viver com Marc fora por simples interesse, como qualquer mundana... Lancei-lhe em rosto o meu pretenso aborrecimento pela sua pessoa. Foi uma cena atroz. Ele esbofetou-me e eu, chorando, obrigada a prosseguir no meu papel de mundana, abandonei-o.

A sua eleição estava assegurada. Não obstante, uma noite — há apenas dois dias — uma última manobra dos seus adversários esteve a ponto de tornar inútil o meu sacrifício. No decorrer de uma reunião pública, acusaram-no de me ter abandonado. Eu estava presente, entre a multidão. Levantei-me e defendi Marc conforme pude. Devo ter sido comovente, porque toda a sala me aplaudiu.

Esmagada por este esforço, saía à pressa, quando Marc veio ter comigo. Apertou-me nos braços e...

— Pedi-te que fosses sua mulher?

— Sim. Preferia quebrar a sua carreira a perder-me. Felizmente, nem quebrou a sua carreira nem me perdeu. Ontem de manhã, desposou-me, e esta tarde foi eleito.

— És então feliz?

— O — Kay! Mas voltemos ao salão. Devem ter notado a minha ausência.





*Joan Bennett é hoje um cartaz em qualquer cinema da América. Conquistou rapidamente um lugar de grande proeminência entre as melhores estrelas americanas. John Barrymore escolheu-a para substituir Dolores Costello na versão falada de "A Fera do Mar". Depois, passou para o "Fox", para a qual fez vários importantes papéis, um dos quais em "Chantagem". Ao seleccionar os elementos para "Espôsas de Médicos", a "Fóx" hesitou na actriz que devia interpretar a primeira figura feminina. Janet Gaynor? Sally Eilers? Marion Nixon? Não! A Joan Bennett estava mesmo a calhar para contracenar, para fazer a espôsa de Warner Baxter. E "Espôsas de Médicos", um filme de Frank Borzage (o realizador de "A Hora Suprema"), resultou para Joan Bennett a ascensão de uns poucos de degraus na escala da sua carreira.*

# Pelos nossos Cinemas

(Continuação da página 7)

sabido impôr os seus filmes, a maioria dos seus filmes.

Kurt Gerron tratou «Estupefacientes» à típica maneira americana de antanho, que provocou, da parte de muita gente de então, a classificação generalizada de «americanadas» às produções de além-Atlântico. E fez uma fita que é nem mais nem menos do que uma



versão reduzida das antigas fitas em séries. Se em vez de Danièle Parola tivéssemos a Pearl White, e em vez de Jean Murat nos apresentasse o Creighton Hale, «Estupefacientes» seria uma edição falada de «A Máscara dos Dentes Brancos», tal a natureza das peripécias do filme de Kurt Gerron, com seus chefes misteriosos, seus negócios escuros, suas viagens acidentadas, suas perseguições, etc., numa movimentação puramente visual, em que o valor intrinsecamente «cinema» se inferioriza.

A interpretação é homogênea, sem grandes motivos para elogios, com excepção do trabalho de Petter Lorre, que é magnífico de verdade. Sóbrio, comedido, mas exacto, mas preciso, até a sua pronúncia francesa com o natural sotaque estrangeiro ajuda a sua personagem, que ele interpreta com grande realidade. Jean Murat não me satisfaz. Aquele papel mixto de detective e herói, que as tais antigas fitas americanas criaram, precisava da desenvoltura criada por especialistas do género e que Jean Murat não possui. Para um tal personagem, para tais perseguições, lutas e perseguições, preferia um Edie Polo ou um Harry Piel... Monique Roland, graciosa. Danièle Parola, muito convencional.

É verdade, aparece em «Estupefacientes» o Nascimento Fernandes, a dar dois recados, e o Rino Lupo a fazer de chefe de policia de Lisboa!

«Estupefacientes» tem dois grandes merecimentos: a fotografia excelente do mestre Hoffman, que eu aprendi a venerar desde há muitos anos, e que nos dá, na noite brumosa do velho Hamburgo, como nos diversos interior-

res, como nos exteriores da luminosa Lisboa, mais uma prova da sua arte, da sua grande competência. O outro grande mérito é a honestidade que a «Ufa» demonstrou na filmagem dos exteriores nos próprios locais onde está situada a acção. Em vez de pedir para cá um pouco de negativo do porto de Lisboa ou um trecho do Estoril, para os reproduzir depois, filmando as seqüências de Lisboa em interiores do estúdio, veio até nós, com grandes riscos financeiros e preferiu obter *sur place* os seus exteriores.

É louvável tal iniciativa, e, assim, são autênticos os pedaços de Lisboa que o filme nos apresenta e que lhe emprestam, para a sua exploração em Portugal, boa dose de valor comercial, ajudado mais ainda pelo género aventuroso do argumento, que a massa popular sempre aprecia.

Autores: Philipp Lothar Mayring e Friedrich Zeckendorf. Fotógrafo: Carl Hoffmann. Decordor: Julius von Borsody. Director de som: Walter Rnehlend. Autor musical: Hans Otto Borgmann. Realizador: Kurt Gerron. Intérpretes: Liliane, Danièle Parola; Henri Werner, Jean Murat: A mãe, Jeanne-Marie Laurent; Dora Lind, Monique Roland; O Carcanda, Peter Lorre; Dr. Urusseff, Raoul Aslan; Marquês d'Esquillon, Roger Karl. Outros intérpretes: Lucien Callmand, Jean Worms, Jean Mercanton, Nascimento Fernandes.

Produzida em 1932 pela UFA (Produção Bruno Duda). Programa Agência Cinematográfica H. da Costa, Ltda. Estreada no «São João» em 12 Dezembro 1932.

A MULHER DE QUEM SE FALA (DIE FRAU VON DER MAN SPRICHT): — Estas artistas de cinema deviam saber retirar-se a tempo. Quando começassem, por exemplo, a engordar demasiado, sinal evidente de que a auréola da glória que conheceram principiava empaldecendo, deviam afas-



tar-se mais ou menos à sucapa, e assim, a gente ficaria sempre com grata impressão a seu respeito, sempre com recordação agradável dos seus papeis de tempos idos, sem sombra alguma a obscurecer a sua carreira.

Se Mady Christians assim fizesse, não teríamos agora que censurar a

linda intérprete de «Um Homem Sem Nome» (há cerca de uns 8 anos exibida, com George Alexander), e de outras magnificas fitas de Joutroira, em que Mady Christians sobressaía com uma beleza que já não possui, e que não devia agora pretender impôr. Mady Christians deve ceder o seu lugar, porque no cinema alemão não faltam as Martha Eggerth, as Truus van Aalten, as Marianne Winkelstern, etc., capazes de a substituírem, senão com superioridade de talento, pelo menos com a vantagem da beleza.

«A Mulher de quem se fala» está dirigida por Viktor Janson sem preocupações cinegráficas. Conta-nos a história muito circunstanciadamente, detem-se em superfluidades que o cinema condena (para que diabo aparece na fita a personagem do pai de Vera, a beber continuamente, uma figura grotesca descabida?), e só nas cenas finais ganha alguma movimentação, que predispõe melhor e atenua o arrastamento que até aí se verifica.

Mady Christians afirma as suas grandes qualidades de comediante. Hans Stuewe, porém, inferioriza-se. Parece-me acanhado, ele que tam bons papeis tem desempenhado. Otto Walburg, cómico apreciável, gesticula demasiado. Lilian Ellis, engraçadinha, foi pena aparecer apenas fugidamente.

«A Mulher de quem se fala» ajuda a passar a noite — sem *double-sens*, é claro... Não entusiasma, mas também não aborrece. Vê-se.

Autor: Louis Verneuil. Cenarista: Hans Rameau. Decoradores: Hofer e Schwidewsky. Fotógrafo: Guido Seeber. Director de som: Specht. Realizador: Viktor Janson. Intérpretes: Vera Moretti, Mady Christians; Seu pai, Szoeke Szakal; René Bennett, Hans Stuewe; Seu pai, Ernst Dernburg; Marquês von Kent, Alex Sacha; Dina, sua filha, Lilian Ellis; Banqueiro Guido Greven, Otto Walburg; Doutor Witson, Carl Goetz; Severac, Frank Guenther; A criada, Kitz Meinhardt; O chauffeur, Harry Nestor.

Produzida em 1931 pela Aafa. Programa Companhia Cinematográfica de Portugal. Estreada no «Rivoli» em 10 Dezembro 1932.

MANDRÁGORA (ALRAUNE): — O fonofilm que ora nos é apresentado, tirado da obra de Hans Ewers, parece-me, se bem me lembro, inferior à versão silenciosa que há anos nos foi apresentada, realizada por Henrik Galeen.

Richard Oswald não soube ou não pôde traduzir numa obra pura de imagens fonofillicas tam complicado assunto legendário, e apenas nos deu um trabalho literário ilustrado, um filme em que o diálogo impera, e as peripécias filmadas aparecem, por assim dizer, isoladas, sem ligação cinegráfica, numa pseudo continuidade, maneira cómoda de fazer adaptações ou de descrever argumentos, de que abusam muitos cenaristas europeus, quando a culpa não pertence aos realizadores que trabalham por improvisação...

De modo que «Mandrágora», que

Na capa: — Joan Crawford principal protagonista do filme «Fascinação».

Redactores :  
João Santos  
e Sousa Martins

Redacção e Administração:  
Rua do Bom Jardim, 436-3.º  
PORTO

# CINEMA

## SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero foi visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS  
Continente e Ilhas :  
Trimestre, 12\$00, Sem.  
24\$00, Ano, 46\$00 —  
Ultramar: Trimestre,  
14\$50, Sem. 29\$00,  
Ano 56\$00.

Administrador e Editor  
Eugénio Peres

Comp. e imp. nas oficinas  
da Empresa AQUILA  
Rua Duque Saldanha, 312  
PORTO

possui um argumento curioso, que está magnificamente desempenhado por Brigitte Helm e pelo veterano Albert Bassermann, não satisfaz nem ao público, nem ao critico.

E, no entanto, a Brigitte Helm tem nesta fita a sua melhor interpretação do cinema sonoro. E se não supera as suas mais perfeitas figuras do cinema silencioso, pelo menos é igual à Brigitte Helm de «Metropolis», de «Crise», de «A Piedosa Mentira de Nina Petrovna».



Mas isso não basta para dar a «Mandragora» o necessário valor.

Autor: Hens-Heinz Ewers. Fotógrafo: G. Krampf. Realizador: Richard Oswald. Intérpretes: *Alraune*, Brigitte Helm; *Conseheiro Brinken*, Albert Bassermann; *Dr. Petersen*, Bernhard Goetzk; *Frank Braun*, Harald Paulsen; *Princesa Volkonski*, Agnes Straub; *Wolfgang Petersen*, Martin Kosech; *O advogado*, E. A. Lich.

Produzida em 1932. Programa Agência Cinematográfica H. da Costa, Ltda. Estreada no «Trindade» em 13 Dezembro 1932.

ALBERTO ARMANDO PEREIRA

# BATALHA

(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

## CINEMA SONORO

Terça-feira, 20 de Dezembro «REPRISE» SENSACIONAL:  
O extraordinário fonofilme

### «TRADER HORN»

Feras que se devoram — Homens contra homens, e homens contra feras — A mais importante produção filmada no interior da África.

Uma fita sem truques, filmada pela «Metro-Goldwyn-Mayer»  
no coração do continente africano.

Colossal desempenho de Harry Carey, Edwina Booth e Dunean Renaldo

UM FILME QUE NINGUEM DEVE DEIXAR DE VER

## PREÇOS POPULARES

Matinéas às Quintas, Sabados e Domingos

# Incontestavelmente o melhor receptor é o M E N D E

Sonora — Radio  
Rua 31 de Janeiro, 190 — PORTO

## N.º 39

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha sómente é valida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

## Senha de Bonus aos compradores do «CINEMA»

Os portadores desta senha terão o desconto de 50 % nos seguintes espectáculos:

TRINDADE — Matinéas de Quinta-feira e Sabado, 22 e 24 de Dezembro.  
OLYMPIA — Matinéas de Quinta-feira e Sabado, 22 e 24 de Dezembro.  
BATALHA — Matinéas de Quinta, Sabado e Domingo (1.ª), 22, 24 e 25.  
CINE-ODEON — Soirée de Sábado, 24 de Dezembro.

AVENIDA-TEATRO, de Vizeu — Soirée de Quinta-feira, 22, e Matinéa de Dom., 25 de Dez. — 20 % de desc. em todos os lugares, excepto geral.

IMPORTANTE. — As entradas com bonus no «Salão da Trindade» tem os seguintes limites: Plateia, 250; 2.º Balcão, 100; Camarotes, 20. Esgotadas estas lotações, o portador desta senha nada tem a reclamar.

# Castelo Lopes, L.<sup>da</sup>

*a firma detentora dos melhores  
filmes europeus e americanos.*

apresenta hoje  
no Cinema

R I V O L I

## “O REI DO BEIJO”

Super-produção falada e cantada  
em francês com o famoso  
cômico

**Georges Milton (Bouboule)**